



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

COMENTÁRIOS SOBRE A SOCIABILIDADE CONTEMPORÂNEA

Elton Silva Salgado*
(UESB)

RESUMO

Sociólogos e historiadores apontam que estamos em um momento em que há mais mediação do que em qualquer outro tempo histórico. Deste modo e baseado em conceitos como “presentismo”, “telerealidade”, “televivência” etc., aqui se discutem as novas linguagens e práticas sociais a partir do advento das Tecnologias de Informação e Comunicação recentes.

PALAVRAS-CHAVE: Hipermídia, Presentismo, Linguagens e Práticas Sociais.

INTRODUÇÃO

Imagine, bem ao costume surpreendente de Machado de Assis e valendo-se de Papéis avulsos, precisamente no conto “Uma visita de Alcebíades” (em que um certo desembargador X, depois de envolvido na leitura de um tomo de Plutarco, é surpreendido com a inusitada presença “em carne e osso” do estadista ateniense que viveu entre os anos de 450a.C. e 404 a.C.). Nesta narrativa, a chegada tão estranha do visitante do passado leva os dois homens a travarem informações sobre os costumes do tempo presente, 1875 segundo consta da missiva enviada ao chefe de polícia da Corte pelo desembargador X, carta que nos dá notícia da visita de Alcebíades e do sortilégio que se seguiu a tão fantástica aparição.

* Graduado em História pela UESB. É mestrando em Cultura, Educação e Linguagens (UESB) e é pesquisador do Núcleo Avançado de Estudos da Contemporaneidade (NUVIP). E-mail: elton@uesb.edu.br.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Pois bem, permita-se imaginar por um momento que impressão daria ao ilustre ateniense, não a nossa vestimenta como perquiriu o juiz, mas às palavras de ordem do discurso em nossa condição pós-moderna? Isto é, que pensaria ele sobre mídias, comunicação e todas as tecnologias ou sistemas da informação e seus recursos computacionais da nossa era? Como lhe seriam percebidas a arquitetura e a economia da informação, as organizações em rede, os novos processos e comércios eletrônicos? E, conseqüentemente, o que lhe diria a expansão cada vez mais veloz e vertiginosa dos limites do conhecimento?

E, todavia, como dizer-lhe que esta profusão de novidades, ora entusiástica, ora sofrível, ainda carece de explicação, já que o preço desta expansão é certa crise de identidade e que por tudo isto estamos nos tornando cada vez mais a-sociáveis diante de um mundo que carece urgentemente de orientação (já que não sabemos mais o que é central e periférico em nossa história)? Finalmente, como expressar-lhe que as pessoas hoje em dia se relacionam por meio de redes e sistemas information highways e que o universo da informação midiática, se não for o limite dos nossos vínculos sociais e do nosso espaço público, é, com certeza, parte substancial deles?

Para fornecer repostas possíveis a todas estas questões, antes de tudo convém aludir ao fato de que a cultura do nosso tempo é do tipo presentista, François Hartog falará até de uma onipresença do presente, múltiplo e acelerado. Uma vez que na contemporaneidade “é preciso fazer rápido antes que seja muito tarde, antes que a noite caia e o hoje tenha desaparecido completamente” (HARTOG, 2006, p. 272). Além disto, o presentismo sofre entre a perda total ou parcial da memória e o desejo de lembrar-se de tudo. Entretanto, é necessário “estarmos atentos para o fato de que mais lembrança, como parte das demandas de nossa contemporaneidade”, alerta Guimarães, “não implica necessariamente em



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

mais conhecimento do passado e, muito menos, em uma compreensão crítica dessas experiências pretéritas” (GUIMARÃES, 2007, pp. 13-14).

Demais, o que nos interessa aqui é traçar um esboço, ainda que minguado, das transformações paradigmáticas e históricas do nosso tempo e também de algumas noções que nos permitem compreendê-lo, i. e., como as modificações recentes são apreendidas pela comunidade científica. Para tanto, seguiremos na carreira da globalização, principalmente como fenômeno de mundialização dos intercâmbios e das relações recíprocas de ordem cultural e social, graças às chamadas Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação (NTICs), desenvolvidas gradualmente a partir da década de 1970 e mais abundantemente nos anos de 1990.

Estas NTICs possibilitaram uma agilidade nova para os conteúdos e as transmissões comunicacionais e, portanto, havemos de concordar com Alain Touraine quando afirma que o conjunto destas mudanças, globalizantes e tecnológicas, representam a “derrocada das categorias sociais de análise e de ação”, ou seja, estas inovações possibilitaram a dissolução das fronteiras. O que acarreta o surgimento de um novo “paradigma [que] está substituindo o paradigma social, assim, como este tomara o lugar do paradigma político” (TOURAINÉ, 2007, p. 239, grifos do autor). É escusado notar que este não um fenômeno sem antecedentes.

Nos inícios de nossa modernização pensamos os fatos sociais em termos políticos – ordem, desordem, soberania, autoridade, nação, revolução – e somente após a revolução industrial substituímos as categorias políticas por categorias econômicas e sociais – classe, lucro, concorrência, investimento, negociações coletivas (TOURAINÉ, 2007, p. 240).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Em nosso tempo presente, continua o sociólogo francês, testemunhamos o assurgir do paradigma cultural, um despontar que altera substancialmente as percepções da ciência, do seu campo de estudo e dos seus objetos. Porém (cabe ainda tornar a este ponto) esta não é uma circunscrição sem qualquer anterioridade. O novo paradigma, se assim aceitarmos a proposição de Touraine, carrega consigo critérios ou pretextos de práticas anteriores, senão semelhantes pelos menos convizinhas.

Mas é algo que a novíssima episteme do tempo presente, da imediatidade on line e globalizada, em que se misturam lógicas econômicas e tecnológicas, escusa considerar. Tanto assim que juízos do tipo “revolução de uma tecnologia sem precedentes”, “como nunca antes visto” e mesmo “nunca antes na história” surgem aos borbotões e até se pretendeu firmar um novo campo, o da posthistorie (vinculado a nomes como o de Fukuyama) defensor da noção de que o movimento da história está acelerando cada vez mais (ANDERSON, 1992, p. 81-117).

Entretanto, como veremos, uma rápida digressão pelos pressupostos da modernidade nos fará ver que as inovações do nosso tempo fazem parte de desdobramentos anteriores e que a configuração epistêmica, os discursos de saber da contemporaneidade, embora se concentrem em recortes históricos precisos, possuem uma archè, um começo, um princípio de emergência ou, ainda, um jogo simultâneo de remanências específicas – como diria Foucault (2002).

Um novo paradigma, uma nova forma de vida intermediada

Thomas Kuhn observa que o conhecimento científico decorre da superação de velhos paradigmas. Entretanto é preciso dizer que ele não só teorizou sobre a transição de paradigmas científicos, demais ele propôs uma taxinomia para estudar esta passagem. E para o autor de A estrutura das revoluções científicas,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

durante um certo tempo, um paradigma se constitui como teoria dominante numa área científica em particular e a este período de funcionamento efetivo Kuhn chama de ciência normal; a qual, depois de um tempo entra em crise para dar lugar a emergência de uma nova teoria, um novo paradigma.

Ainda segundo este raciocínio, o avanço progressivo do conhecimento científico desdobra-se em pelo menos cinco fases: a primeira, a pré-paradigmática, instância em que coexistem inúmeras correntes; a segunda chamada de paradigmática, na qual existem concordâncias a respeito dos objetos de estudo, dos problemas que devem ser resolvidos e das análises possíveis; a terceira fase, a da ciência normal, consiste na supremacia das regras de um esquema; porém, na fase seguinte, a quarta, segue-se a crise em que novos problemas resistem às regras da ciência normal; a partir daí, finalmente, chegamos à quinta e última fase: a da revolução, momento em que o paradigma anterior dá lugar a um novo. Para Kuhn, as revoluções provocam novas concepções de mundo, uma vez que “os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seus olhos em novas direções”, por isto mesmo, prossegue Kuhn, a ciência pode experimentar coisas novas e diferentes pois é:

como se a comunidade profissional tivesse subitamente transportada para um novo planeta, onde os objetos familiares são vistos sob uma luz diferente [...]. Não obstante, as mudanças de paradigma levam os cientistas a ver o mundo definido por seus compromissos de pesquisa de uma maneira diferente (KUHN, 2009, p. 147-8).

Por outro lado, Kuhn afirma que “apesar das ambigüidades, os paradigmas de uma comunidade científica amadurecida podem ser determinados com relativa facilidade” (KUHN, 2009, p. 67) e ainda que os paradigmas orientam as pesquisas, “seja modelando-as diretamente, seja através de regras abstratas” (KUHN, 2009, p.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

72). Neste sentido e considerando as “ambiguidades” e as “regras abstratas” em questão, cabe lembrar que “as mudanças paradigmáticas convivem, simultaneamente, com outras experiências, teorias, outros conceitos ou fenômenos recalcitrantes que não se ajustam facilmente ao paradigma vigente” (MORAES, 1997, p. 32).

Ocorre que o despontar do paradigma cultural coincide, em parte, com o surgimento das novas tecnologias e dos novos métodos de comunicação, consagradas na expressão Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Assim, estas NTICs reúnem os computadores pessoais; câmeras de foto e vídeo; os inúmeros suportes para gravação, porte e guarda de dados; a telefonia móvel; as TVs a cabo e por antena parabólica; os correios, chats e outros instant messengers; a world wide web (em português: rede de alcance mundial, daí porque o conceito de hiperligações); as novas ferramentas de acesso remoto, tais como Wi-Fi e bluetooth; e muitos outros et cetera. Tantos que há quem fale em revolução informacional, revolução telemática ou terceira revolução industrial. Veja-se, por exemplo, o livro do criador da Microsoft, Bill Gates, A estrada do futuro, o qual já proclamava em meados dos anos 1990:

Não está longe o dia em que você poderá realizar negócios, estudar, explorar o mundo e suas culturas, assistir a um grande espetáculo, fazer amigos, freqüentar mercados da vizinhança e mostrar fotos a parentes distantes sem sair de sua escrivaninha ou de sua poltrona. Ao deixar o escritório ou a sala de aula você não estará abandonando sua conexão com a rede. Ela será mais que um objeto que se carrega ou um aparelho que se compra. Será seu passaporte para uma nova forma de vida, intermediada. (GATES, 1995, p. 15).

Mas, se os defensores da pós-modernidade tem lá a sua classificação de palavras, a taxinomia dos arautos da vida intermediada não deixam por menos. Uma pesquisa recente (mas já bem velha para os padrões “líquido-modernos”),



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

desenvolvida no âmbito da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, pretende esquadrihar os tempos contemporâneos vistos como Idade Mídia, o professor Antonio Rubim quer entender como hoje a sociedade se estrutura pelas mídias. Para tanto sumaria um número considerável de teorias contemporâneas da comunicação e que tentam dar conta de como o fenômeno midiático incide sobre a sociabilidade. A teórica aventada por Rubim vai desde McLuhan, na primeira metade dos anos 1970, passando por Castells, Schaff, Lyon, até Jameson e o professor da Universidade Federal Fluminense Dênis de Moraes. Neste excursão teórico-bibliográfico, Rubim nos oferece um índice cumulativo de expressões: aldeia global; era da informação; sociedade rede; sociedade informática; sociedade dos mass media; capitalismo de informação; planetas mídias. E, como diz o autor, estas noções, “entre muitas outras possíveis tem sido insistentemente evocadas para dizer o contemporâneo” (RUBIM: 2000, p. 26).

Com efeito, são denominações diferentes para um mesmo fenômeno globalizante, que envolveu os países numa intensa e rápida mudança de paradigmas – que defendem o desenvolvimento de um mercado livre e global, com a abertura da economia com liberdade financeira e comercial aos investimentos estrangeiros diretos, mais a redução da participação do Estado na economia e a consequente autonomia do setor privado (SANTOS: 2004). Por isto, tem muito razão Zygmunt Bauman, quando classifica estes nossos dias de modernidade líquida em que a experiência humana se esfuma ao mesmo tempo em que se esvaem os conceitos de autonomia e liberdade.

“O tempo instantâneo e sem substância do mundo do software”, assevera o sociólogo polonês, “é também um tempo sem consequências” (BAUMAN, 2001, p. 137). Observe-se que em fins da década de 1990, no campo da análise política estas medidas receberam o nome de neoliberalismo ao passo que a crítica social distinguiu-lhe pelo agravamento das desigualdades econômicas e sociais, pelos

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

altos índices de desemprego e pela concentração de renda, aliados aos bolsões de riqueza ou de miséria absoluta. Além, é claro, do aumento da criminalidade e das doenças, a baixa escolaridade e o desemprego.

Na verdade, o nosso tempo recobre o “esgotamento das grandes doutrinas futuristas”, como escreve Lipovetsky, assim percebe-se que o nosso cotidiano é regido pelas normas da instantaneidade, do aqui-e-agora-já. Portanto, as tradições seculares soçobram no terreno do pouco ou nada importa, já que tudo se desenvolve dentro de uma cultura tipo presentista, isto é, na imediatez das redes digitais (LIPOVETSKY, 2009).

Assim, não é ao acaso que o historiador inglês Hobsbawm assevera que o século XX representou “a mais profunda revolução na sociedade desde a Idade da Pedra” (HOBSBAWM, 2000, p. 25), ele chama o século de o breve século XX e o classifica como a “era dos extremos” e sua tese sobre o rápido e intenso século assinala o período entre 1914 e 1991 num tríptico formado por três eras: “Era da Catástrofe”, “Era de Ouro” e uma última era crítica e incerta chamada de “Desmoronamento”. E se a era do desmoronamento foi também uma era de incertezas, até mesmo a liberdade, a democracia e a racionalidade foram postas em causa, enfim, “a conclusão da história da liberdade humana tem seus custos” (Anderson: op. cit., p. 13). Noutras palavras, a crise da modernidade no século XX veio acompanhada muitas vezes da violação dos direitos do homem e do cidadão. E a experiência política recente demonstra o avanço de mecanismos de coerção (note-se, por exemplo, os relatórios anuais da Anistia Internacional que mostram uma violação acentuada dos direitos fundamentais da pessoa). Ocorre que, entrementes, estamos vivendo o oposto dos princípios da Idade Moderna e experimentamos “a sensação de estar perdendo progressivamente as fontes do sentido de significância de nossa própria vida. As fontes do sentido e do significado na vida cultural estão secando” (RÜSSEN, 1997, p. 10). Talvez por isto a ética esteja

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

tão em pauta e a todo momento “um novo setor da vida se abre à questão do dever” (RUSS, 1999, p. 05).

Robert Reich (2008) nos mostra como capitalismo contemporâneo transformou os negócios, a democracia e o cotidiano das nações, substituindo as preocupações de equidade pela perseguição da eficiência. E assim, voltando a asseveração de Rüssen sobre as ressequidas formas de sentido e significância da nossa vida cultural, havemos de concordar também com Jürgen Habermas (1985, p. 115-128) que, ao analisar a crise do Estado providência percebeu o esgotamento das utopias, propôs a noção de “nova opacidade” para caracterizar a situação de nossa vida. Enfim, “a promessa de erigir por via da racionalização o império do homem” (RÜSSEN, 1997, p. 82) transformou-se num lamento, numa desesperação. Mas, T. S. Eliot já em 1920-30 dissera que o mundo se acabava num suspiro, sob a luz de uma estrela aflitiva, ante os homens ocios:

Os homens empalhados
Uns nos outros amparados
O elmo cheio de nada. Ai de nós!

Homens vazios, cuja a vida, como sombra derribada, anunciaria o fim do mundo:
Assim expira o mundo
Não com uma explosão, mas com um suspiro (ELLIOT, 2006, p. 133-36, passim).

Demais, nos interessa agora avaliar, seguindo a linha proposta por Moraes (1998), o impacto econômico destas mudanças e como elas tornaram possível o recente avanço das comunicações, ou como ele próprio diz, como o modo de produção que se ancora na economia da informação e que tem por base o exemplo norte-americano. Diz ele: “para os EUA o objetivo central de uma política externa na era da informação deve ser o de ganhar a batalha dos fluxos de informação mundial, dominando as suas ondas, da mesma forma como a Grã-Bretanha reinava

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

antigamente sobre os mares” (MORAIS, 1998, p. 50). Ou seja, a comunicação é atualmente um setor econômico de primeira importância. Mas, voltando a asseveração de Touraine, sobre a emergência do paradigma cultural, resta-nos pensar que, neste caso, a cultura já não é mais um aparelho ideológico e, portanto, superestrutural. Antes a entertainment industry é cada vez mais percebida como a própria cultura.

A circunstância social hipermediatizada do tempo presente

À maneira de Foucault (2004), Patrick Charaudeau bem o disse: informação, comunicação e mídias estão na ordem do discurso no nosso tempo. Entretanto, adverte o lingüista, as emblemáticas palavras da moda antes de servirem de um grande poder explicativo prestam-se à confusão e à falta “de discriminação dos fenômenos, “[...] de distinção entre os termos empregados”, donde inevitavelmente temos um “déficit na explicação” (CHARAUDEAU, p. 2009, p. 15). Isto porque não fazemos separação entre informação, comunicação, mídia e tampouco à tecnologia relacionadas a estas três noções. Até recentemente, reunia-se todos esses termos na étiquette “indústria cultural” e ajuntava-se aí jornais, revistas, programas de TV, livros, filmes, revistas em quadrinhos, músicas etc.. Além disto, o conceito de industrial também ligava-se às noções de cultura de massa e de meios de comunicação de massa; conceitos, por sua vez, ligadas às noções de produto/bem cultural e universalização do consumo. E as críticas à indústria cultural eram as mais variadas, de Adorno e Horkheimer, que cunharam a expressão, até Andrew Edgar, passando por Edgar Morin e Michel de Certeau, as observações se dividem entre os que a condenam como instrumento de alienação que torna as massas viciam os costumes; os que reelaboram os seus “infernos infraculturais” com uma



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

posição mais otimista e os que, seguindo a linha de Certeau, acredita na capacidade crítica e intelectual dos consumidores.

Voltaremos aqui ao livro de Robert B, Reich em que pensador político e econômico considera que o “capitalismo se tornou mais sensível aos nossos desejos como adquirentes de bens, mas a democracia perdeu acuidade em relação ao que almejamos juntos como cidadãos” (REICH, 2008, p. 03). A esta diferença de vigor entre as pessoas como consumidores e investidoras e como cidadãs, Reich considera como o momento de emergência do supercapitalismo, em que as empresas se tornaram mais competitivas, globais e inovadoras, principalmente a partir da década de 1970, quando, no contexto da Guerra Fria, surgiram novas “oportunidades para novos concorrentes, nos transportes, nas comunicações, nas manufaturas e nas finanças”. Reich explica que o conjunto destas mudanças “provocou rupturas no sistema de produção estável e, a partir de fins da década de 1970, em ritmo cada vez mais acelerado, forçou todas as empresas a competir mais intensamente por clientes e por investidores” (id, ibid, p. 5, passim). Mas, a ascensão do supercapitalismo, global e radicado na Internet, também é o tempo da expansão da cobertura jornalística e do aumento da atenção de seu público.

Algo que tem forte influência sobre a circunstância social hipermediatizada do nosso tempo presente, em que os efeitos de real produzidos pelas mídias parecem suplantar a realidade imediata. A nossa experiência atual é a da realidade contígua, isto é, trata-se de uma telerealidade. É por isso até que Bauman vai dizer que os nossos medos atualmente têm vida própria e são de carne o osso, pois o capital do medo transmitido quotidianamente sustenta hoje em dia um enorme lucro político e comercial. E pensando em termos da morfologia social de nossas cidades, o sociólogo generaliza: “Quando falamos das condições de vida na cidade, estamos nos referindo, na prática, às condições de vida de toda a humanidade” (BAUMAN, 2001, p. 32).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Isto graças ao chamado caráter compósito do nosso tempo, de vivências instantâneas e à distância, portanto, televivência; onde o espaço geográfico tornou-se eletrônico, local e global. Donde surge o termo glocalize, que pressupõe: o entrelaçamento de espaços expandidos eletrônicos e continuamente atualizados; as bricolagens entre convivências e televivências; e a hibridação de fluxos culturais locais e outros tantos registros globalizados. Assim, a sociabilidade contemporânea é a da realidade mundo, macro-inscrição relacionada às noções de redes midiáticas e a outros dispositivos tecnológicos inerentes à idéia de distância, que pode ser apreendida simbólica e metaforicamente como a pouca distância, portanto, próximo. Porém, a sociabilidade “tele”, isto é, hipermediatizada, sempre aporta na reivindicada configuração de realidade, onde o simbólico se define como real e porque ela permite que fale, ouça, veja e perceba, neste momento “a comunicação [...] se apresenta como uma espécie de nova camada ‘geo-tecno-social’, necessária e sobreexposta, que se agrega às camadas — natural e sócio-cultural — do ambiente existente na sociabilidade precedente” (RUBIM, 2000, p. 29).

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Anderson. **O fim da história**: de Hegel a Fukuyama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- ASSIS, Machado de. “Papéis avulsos”. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. (vol. 2).
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BUCCI, Eugênio; KEHL, Rita. **Viodeologias**. São Paulo: Boitempo, 2004. (Estado de Sítio).
- ELLIOT, T. S. **Poesia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. (40 anos, 40 livros).
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2004.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

-
- _____. **Problematização do sujeito:** psicologia, psiquiatria e psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. (Coleção Ditos e Escritos, vol. I).
- GATES, Bill. **A estrada do futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Vendo o passado: representação e escrita da história. In: **Anais do Museu Paulista.** São Paulo. v.15. n.2. p. 11-30. jul/dez. 2007.
- HABERMAS, Jürgen. A nova opacidade: a crise do Estado-Providência e o esgotamento das energia utópicas. In: **Revista de Comunicação e Linguagens**, n.º 2, 1985. pp.115-128.
- HARTOG, François. Tempo e patrimônio. In: **Varia História.** Belo Horizonte, vol. 22, n.º 36: p.261-273, jul/dez 2006.
- HOBSBAWM, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX.** 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A tela global: mídias culturais e cinema na era hiper-moderna.** Porto Alegre, 2009.
- MORAES, Dênis. **O planeta mídia: tendências da comunicação na era global.** 1. ed. Campo Grande: Letra Livre, 1998.
- MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente.** 9. ed. Campinas: Papirus, 1997.
- MORIN, Edgar. Para além do Iluminismo. In: **Revista FAMECOS.** Rio Grande do Sul: Porto Alegre, n.º 26, Abril de 2005. (p. 24-28).
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Designação: a arma secreta, porém incrivelmente poderosa, da mídia em conflitos internacionais. In: _____. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética.** São Paulo: Parábola, 2003. (p. 81-88).
- REICH, Robert. **Supercapitalismo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- RUSS, Jaqueline. **Pensamento ético contemporâneo.** São Paulo, Paulus: 1999.
- RÜSSEN, Jörn. A história entre a modernidade e a pós-modernidade. In: **História: Questões e Debates.** v. 14, n.º 26-27. Curitiba, 1997 (p. 80-111).
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. A contemporaneidade com idade mídia. In: **Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação.** Botucatu, v. 4, n.º 7, Agosto 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832000000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21abr.2010.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade.** 7. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

_____. **Um novo paradigma:** para compreender o mundo de hoje. Petrópolis: Vozes, 2007.